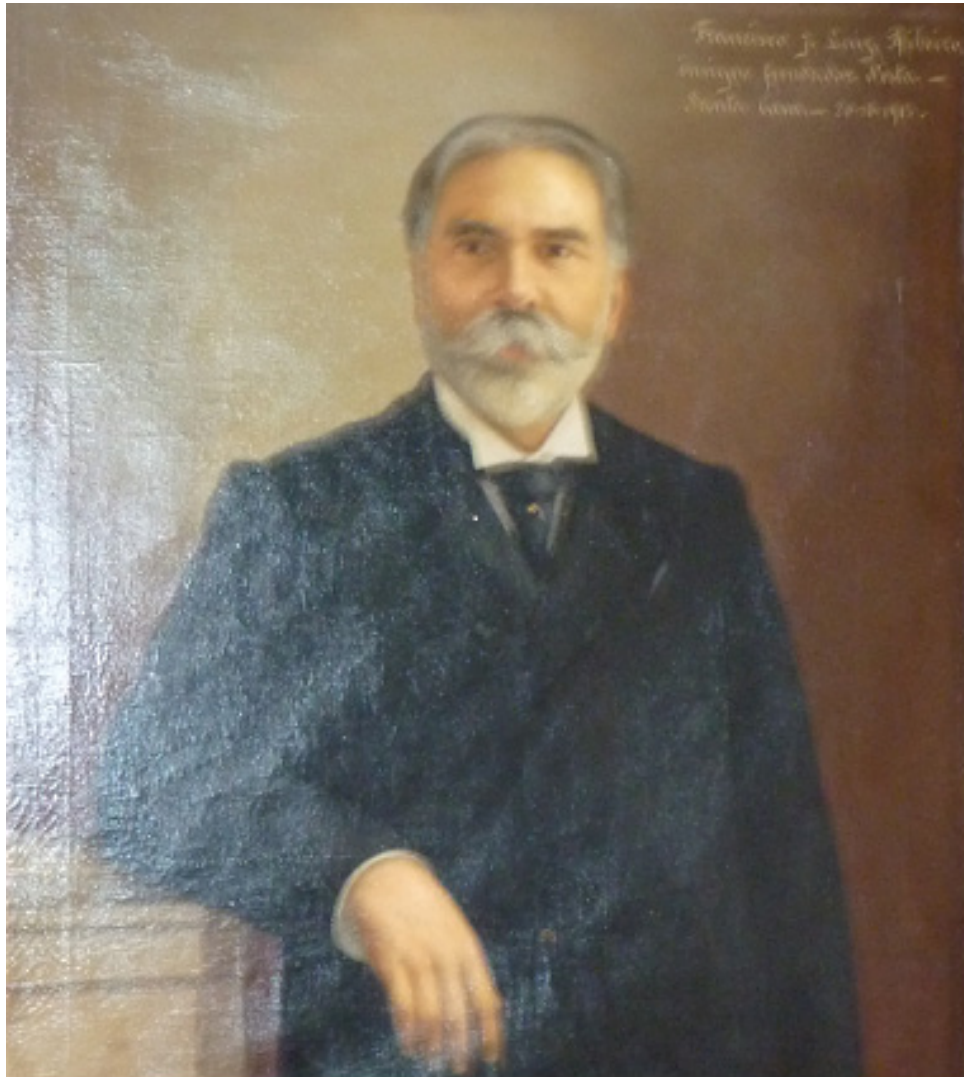




Os 90 anos da Santa Casa da Misericórdia

Francisco José Luiz Ribeiro

“o insigne filantropo sanjoanense!”



Francisco José Luiz Ribeiro

Pintura a óleo no Salão Nobre da Santa Casa da Misericórdia

Era S. João da Madeira uma pequena aldeia quando, em 17 de Março de 1844, na Casa da Estrada (Real), no lugar da Quintã, nasceu Francisco José Luiz Ribeiro (FJLR). Filho de lavradores abastados resolveu, ainda muito novo, emigrar, como à época era comum muitos jovens fazerem, sedento de aventura e no encalço de uma vida melhor.

De navio foi até ao Brasil, onde se dedicou à actividade comercial. Mais tarde estabeleceu-se com largo sucesso na cidade de Rosário de Santa Fé, na República da Argentina. As suas qualidades pessoais e o trabalho desenvolvido conferiram-lhe grande prestígio na comunidade portuguesa, reconhecimento testemunhado na escolha do Governo Português, que o nomeou seu representante consular.

Em 1910, com 66 anos e alguns meios de fortuna amealhados na labuta alémfroterias, regressa solteiro a S. João da Madeira, para descansar e rever familiares, entre os quais os dois irmãos vivos, Domingos e António, que era padre, também eles em fim da vida.

O Hospital – o grande sonho

Fez construir uma modesta habitação e começou a revelar a sua natureza benfeitora, beneficiando a Matriz com importantes melhoramentos, entre eles um altar em talha dourada e três grandes imagens, ain-

da hoje possíveis de admirar. No entanto, o seu sonho maior visava a construção de um hospital, que albergasse e tratasse doentes e carenciados, vontade para que não dispunha, todavia, já de saúde ou forças suficientes, mas que deixou lavrada em testamento datado de 22 de Abril de 1913, quando diz “que de há muito ele testador desejava ver instalada legalmente nesta sua freguesia de São João da Madeira, donde é natural, uma corporação que procedesse à dispensa do bem e caridade, construindo um hospital (...)”.

Um Homem bom

FJLR veio a falecer em 20 de Agosto de 1913, deixando assegurado em testamento o sustento de seus irmãos e da velha criada Josefa Maria de Jesus, enquanto vivos, além de uma quantia para seu afilhado, para uma irmã de Josefa e sua filha, para dois primos, rol de pessoas que testemunham a preocupação de uma alma pia, ainda evidente na obrigação de mandar dizer diversas missas por seus pais, por seu irmão Vitorino e por outros familiares próximos, e no encargo de promessas ao Senhor dos Aflitos e a S. Brás, santos da sua devoção. Todos os demais bens, compostos por uma quinta, terrenos, habitações e dependências, títulos de crédito e depósitos bancários, foram legados para o específico fim de se erigir o hospital, ex-

pressão da sua vontade e que consumava um sonho que muito o envolveu.

Um homem precavido

Tomando a cargo as disposições necessárias à sua realização nomeou seus testamentários Domingos da Silva Moreira, Padre António Joaquim de Oliveira, Manuel da Silva Correia e seus herdeiros os cavaleiros Albino Francisco Corrêa (Visconde de S. João da Madeira), António Dias Garcia (futuro Conde) e Benjamim José de Araújo (viria a ser o primeiro Presidente da nossa Câmara Municipal), que eram, talvez, as três mais importantes personalidades de S. João da Madeira e que lhe davam garantias da boa e correcta aplicação dos seus bens. Mesmo assim, solicitou a outras doze individualidades da freguesia, todas de grande reputação na terra, que auxiliassem na execução do seu pensamento de assistência e caridade, simultaneamente pedindo “que o relevem de tamanha ousadia.” Ainda no testamento, FJLR manda construir um “Jazigo ... onde serão conservados os restos ou ossadas

de sua mãe e o seu cadáver.” Este bonito jazigo, bem preservado pela Santa Casa da Misericórdia, encontra-se a meio da ala nascente do cemitério nº 1 da cidade, e tem guardados os seus restos mortais.

Do sonho à realidade

A edificação do hospital começou em 1916, em pleno curso da 1ª Grande Guerra, vindo a terminar em 1921, depois de muitos contratempos, desde dificuldades na definição da planta à quebra de contratos por alguns empreiteiros.

Para assumir a sua propriedade e gestão, foram elaborados os estatutos da Santa Casa da Misericórdia de S. João da Madeira que, em 7 de Dezembro de 1921, viriam a merecer do Governo Civil de Aveiro, o competente alvará. Esta é a data assumida da sua fundação. Nestes estatutos, além de se explicitar a condição de FJLR como Instituidor, ficam também descritas as obrigações de “manter e tratar no hospital (...) os indigentes de ambos os sexos (...) e os indigentes viandantes de qualquer nacionalidade ou religião”.

Homenagem e gratidão

O hospital foi inaugurado em 1 de Janeiro de 1923, em sessão solene presidida pelo primeiro Provedor, António José d’Oliveira Júnior, momento em que a assembleia se levantou e conservou de pé durante 3 minutos “em homenagem de gratidão e saudade ao benemérito doador do hospital”, conforme discorre a acta do evento.

Anteriormente, a 4 de Junho de 1922, na assembleia-geral de posse da 1ª Mesa Administrativa, em sessão presidida pelo Padre António Joaquim de Oliveira na qualidade de irmão convocador, os Irmãos (sócios) da Misericórdia homenagearam FJLR descerrando um quadro a óleo ainda hoje aposto no Salão Nobre da Irmandade. O Padre António Oliveira apelida o descerramento como um “acto de justiça” e, “dominado de grande comoção, (...) evoca saudosamente a figura sublime do benemérito doador Francisco José Luís Ribeiro a quem chama de primus inter pares”. O acto é saudado com uma prolongada e estrondosa salva de palmas, “ficando muitos irmãos presentes com os olhos marejados de lágrimas”, conforme assevera a acta.

Em 1939, a Câmara Municipal e a população sanjoanense distinguiram o benemérito e insigne filantropo dando o nome “Praça Luiz Ribeiro” à antiga praça das vendas, verdadeiro centro cívico sanjoanense, e mandando descerrar o seu busto em bronze, peça custeada pelos seus admiradores e colocada no largo de entrada do antigo hospital.

Hoje, este busto pode ser visitado no jardim de entrada do Lar de Idosos “S. Manuel” da Santa Casa, instituição cuja existência, finalmente, cumpre a disposição do instituidor “de se realizar (...) a instituição de caridade (...) nesta sua aldeia que lhe foi berço”.

Todos os anos, a 20 de Outubro, evocando o seu exemplo e memória, a Santa Casa manda rezar uma eucaristia, sufragando a sua alma, gesto de respeito e agradecimento que os contemporâneos prestam à sua acção e legado.

